

minha primeira vez [por Cristina Barros] plural 57

# 'Formidável!', como diria o próprio Orlando

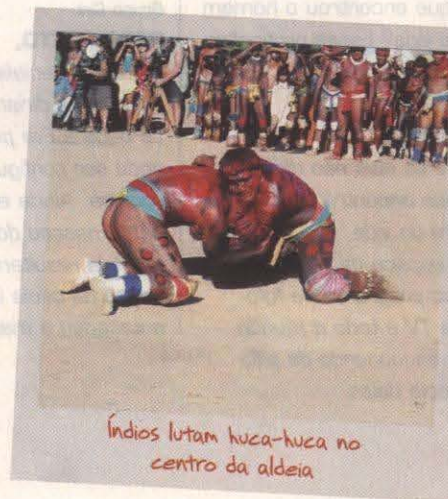
**C**hegar ao alto Xingu, em Mato Grosso, precisamente na aldeia iaualapiti, e ser recebido pelos chefes Aritana e seu irmão Pira Kuman nos deu a sensação de estarmos chegando ao paraíso.

Estávamos indo assistir ao Quarup de Orlando Villas Bôas (1914-2002), o "cacique branco" morto em 12 de dezembro do ano passado. A cerimônia significa o fim do luto e o reencontro com a alegria. Para o índio, a despedida do espírito. Para a família, a complementação dos rituais de passagem. Para nós, amigos do Orlando, uma emoção indescritível. Um deslumbramento composto pela arquitetura das ocas, a imensidão da aldeia, a maravilha do rio e a receptividade da tribo.

Fomos alojados na casa do Pira. Ele mesmo instalou nossas redes, dividiu sua comida -biju com peixe- e nos deu água fresca. Ou seja, dividiu conosco, naquele momento, tudo que possuía.

Aos poucos, porém, nos vem à cabeça a certeza de que, se o homem branco civilizado encontrasse alguma forma de chegar ao paraíso, com certeza os anjos já estariam ameaçados tendo seus espaços e valores invadidos e cobiçados. Cinegrafistas, fotógrafos, jornalistas e "curiosos" (na sua maioria assessores de órgãos do governo ou representantes de autoridades de alto escalão ausentes) formavam um time terrível, que, na sua ignorância frente ao ritual e desrespeito a tudo, só não estragou a festa por ser esta infinitamente mais intensa do que todos.

Enquanto os índios nos davam uma aula de civilidade, organização, generosidade e respeito, os ditos civilizados disputavam no braço o melhor lugar, o melhor ângulo, a melhor notícia. Como dizia Cláudio Villas Bôas (1916-1998), irmão de Orlando, "se o homem vem a esse mundo e pretende, no curto espaço de tempo que aqui permanece, acumular apenas bens materiais, esse não tem nada a aprender com o índio. Mas, se vem para aprender a ser gente, tem tudo a aprender com eles".



Índios lutam huca-huca no centro da aldeia



Tronco representando Orlando Villas Bôas

Fotos Arquivo Pessoal

**A preparação** Uma semana antes da festa, a mulher Marina e os dois filhos, Orlando e Noel, viajaram de São Paulo para Posto Leonardo Villas Bôas (MT). Logo após a chegada, foram com os índios para o meio da mata assistir à derrubada de uma grande árvore já previamente escolhida para simbolizar Orlando no ritual do Quarup. Como disse Marina, "nesse lugar a floresta jamais será igual".

No sábado à tarde, dia 19 de julho, Marina e os filhos tomaram um banho para encerrar o luto e foram todos pintados para participar da cerimônia -o corpo com o negro jenipapo e os pés e a testa com o rubro urucum.

A árvore simbolizando o Orlando foi então colocada no centro da aldeia e enfeitada com adornos de um cacique. Homens, mulheres e crianças das tribos uaurás e mehinacus, convidadas pelos iaualapitis para ajudar no Quarup, iam chegando e acampando nas redondezas.

À noite, os homens entraram na aldeia e permaneceram acordados se preparando para as lutas que aconteceriam pela manhã. No dia seguinte, foi a vez das mulheres e das crianças. Todos queriam assistir às lutas e torcer pelos guerreiros de suas tribos. Eram 2.000 índios, e a magia podia ser sentida em toda parte. O som de flau-

tas que exorcizava os maus espíritos e chamava o espírito do morto ecoava pela aldeia. Ao mesmo tempo, pajés fumavam seus charutos enquanto os gritos se elevavam com a chegada de novas tribos.

Em meio a essa celebração, os guerreiros continuavam sua preparação fazendo a escarificação -arranhavam o corpo com dente de peixe para renovar o sangue e, graças à dor, obter mais gana para lutar. Eles também se pintaram e se enfeitaram com colares, cocares, brincos, guizos e miçangas para, em seguida, dançarem em roda. Quando os combates começaram, eles lutaram aos pares, um de cada tribo, até que o grande campeão foi consagrado.

Em mais uma homenagem, a família trouxe de volta o tronco que representou Cláudio em seu Quarup -e que havia sido levado para São Paulo pelo próprio Orlando- para que os dois irmãos fossem lançados juntos ao rio.

Terminou assim o último Quarup realizado para um homem branco dessa grandeza. "Perdemos o nosso pai", disse o cacique Aritana. "Orlando foi um presente, e nós o estamos devolvendo a seus ancestrais. Nunca mais haverá alguém como ele."

Cristina Barros, 48, empresária, foi ao Quarup a convite de Marina Villas Bôas e realizou um sonho que a acompanhava desde os 18 anos.